



## **Análise Semiótica do Mural d’Os Gêmeos em Parceira com Blu na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa<sup>1</sup>**

Talita Késsia de SENA<sup>2</sup>

Ricardo Jorge de Lucena LUCAS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **Resumo**

O Grafite, elemento constituinte da cultura Hip Hop, é utilizado constantemente para fazer críticas sociais e políticas. Mas o que exatamente simbolizam os elementos utilizados para a construção de um mural e como analisá-los de maneira não superficial? A Semiótica de Peirce traz uma possível solução para essa questão. Um mural localizado na cidade de Lisboa é o objeto de pesquisa desse artigo que traz um panorama geral da Semiótica Peirceana e uma análise, utilizando a metodologia proposta por essa linha de estudos, desse mural.

**Palavras-chave:** Grafite, Os Gêmeos, Semiótica, Peirce.

### **Introdução**

O Homem vem deixando suas marcas através dos tempos de várias maneiras. E uma das mais antigas é a arte mural, que teve seu início na Pré-História. Se ele começou inscrevendo suas marcas em cavernas, atualmente ele utiliza os muros da cidade para mostrar que passou por ali. A utilização desse cenário urbano, vista, às vezes, como uma transgressão, produziu uma diversidade cultural que ultrapassou a barreira que a difere das produções artísticas já consagradas e entrou em galerias de arte e museus. Estou me referindo, nesse caso, ao Grafite.

O Grafite surgiu como parte constituinte da cultura Hip Hop<sup>4</sup>, no final dos anos 1960, em Nova York e Berlim. Seu suporte é a cidade, sejam muros, monumentos ou até mesmo o asfalto. Com uma lata de tinta spray o artista<sup>5</sup> do grafite modifica o espaço urbano aproxima as transeuntes, que por aquele espaço transitam, de discussões,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: talitakessias@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA-UFC). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPe) - UFC. Email: ricardo.jorge@gmail.com.

<sup>4</sup> A cultura Hip Hop é constituída por quatro elementos: o Break Dance, o DJ (disc-jóquei), o Rap (rhythm and peace) e o Grafite.

<sup>5</sup> A utilização do termo arte para classificar o Grafite é questionada.



reflexões de questões que afetam a sociedade ou, simplesmente de um embelezamento de uma paisagem que, muitas vezes, traz o cinza do concreto e o preto do asfalto como suas cores predominantes.

Cidades como Lisboa, em Portugal, são exemplo de cidades que adotaram o grafite para a sua paisagem. Há áreas na cidade designadas pela Câmara Municipal para a prática livre do Grafite. Exemplos de áreas livres para a prática da arte urbana são: a Fábrica de Braço de Prata, o LxFactory, e uma parede na Avenida Conselheiro Fernando de Souza<sup>6</sup>. Mas, é na fachada de dois prédios desocupados na Avenida Fontes Pereira de Melo, que se encontra o mural dos artistas brasileiros Os Gêmeos, em parceria com Blu, que será o objeto deste trabalho, que realizará uma análise semiótica à luz de conceitos da semiótica de Peirce.

### **1. Uma semiótica Peirciana**

Em seu livro “Semiótica Aplicada”, Lucia Santella nos traz um panorama a respeito da semiótica de Peirce. Segundo ela, a arquitetura filosófica de Peirce “(...) está alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente (...)”. Em seus estudos, ele empreendeu que são três os elementos formais e universais encontrados em todos os fenômenos que se apresentam à percepção humana. São eles: a primeiridade, a secundidade e a terceridade.

A primeiridade está relacionada com a primeira impressão ou sentimento das coisas. É o primeiro contato com o objeto e a apreensão é de suas qualidades puras. Deve-se estar aberto e deixar-se levar pela contemplação. É uma experiência semelhante àquela pela qual um indivíduo deve se submeter se quiser experienciar o sublime<sup>7</sup>. A secundidade está relacionada ao embate com o objeto, onde suas características próprias e que o fazem único devem ser identificadas. A terceridade é o momento em que o recorte feito das particularidades do objeto é relacionado com generalizações, com classes ou categorias mais abrangentes.

---

<sup>6</sup> Disponível em [http://boasnoticias.sapo.pt/noticias\\_Arte-urbana-de-Lisboa-na-New-York-Magazine-17673.html?page=0](http://boasnoticias.sapo.pt/noticias_Arte-urbana-de-Lisboa-na-New-York-Magazine-17673.html?page=0) acesso em: 14 de dezembro de 2013.

<sup>7</sup> Toma-se aqui o sentido de sublime descrito na obra atribuída a Longino: “em pleno classicismo, a estética do sublime, apoiada na ideia do temor reverencial à natureza, interpela os valores reinantes ligados à ordem, ao equilíbrio e à objetividade. O sublime se dirige ao ilimitado, ao que ultrapassa o homem e todas as medidas ditadas pelos sentidos”. Disponível em [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_ver\\_bete=3655](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_ver_bete=3655) acesso em: 22 de dezembro de 2013.



Os fenômenos de primeiridade, secundidade e terceiridade apresentados nos levam aos signos:

“Em uma definição mais detalhada, o signo é qualquer coisa de qualquer espécie (...) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo” (SANTAELLA, 2005 p. 8).

Como qualquer coisa pode assumir a função de signo, Peirce estabeleceu três propriedades formais que dão capacidade para uma “coisa” funcionar como signo: sua mera qualidade, sua existência e seu caráter de lei. Ou seja, são as três categorias fenomenológicas já citadas.

Mas, como identificar que uma qualidade apresentada por um objeto é uma qualidade formal? Para Santaella, é preciso que haja um poder de sugestão, como no exemplo da cor azul que a autora cita em seu livro: “quando o azul lembra o céu, essa qualidade da cor passa a funcionar como quase-signo do céu” (2005, p.12).

A representação de um objeto por um signo pode se dar de três maneiras diferentes: quando, na sua relação com um objeto, se tratar de um quali-signo, o signo será um ícone; quando, na sua relação com um objeto, for um existente, será um objeto; e quando for uma lei, será um símbolo.

Para concluir a tríade da qual o signo se constitui, tem-se os interpretantes, que são os efeitos interpretativos que o signo produz em uma mente, seja ela real ou potencial. O interpretante possui três níveis em seu processo interpretativo. O primeiro nível de interpretante é chamado de interpretante imediato, interno ao signo. O segundo nível é o do interpretante dinâmico, que se refere ao efeito que o signo produz em um intérprete, com toda a carga psicológica daquele. Aqui temos uma subdivisão, que remete às três categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade. São elas: emocional, energético e lógico. E o terceiro e último nível é o interpretante final, um nível de alcance hipotético, pois seria preciso que os interpretantes dinâmicos do signo fossem levados até o seu limite último. Este nível também se divide em três: rema, dicente e argumento.

## **2. Método de análise**

A metodologia utilizada para analisar será baseada na metodologia proposta por Santaella em seu livro “Semiótica Aplicada”. Esse método utiliza os conceitos propostos pela semiótica de Peirce, cujos conceitos básicos já foram previamente apresentados.



A análise se dará a partir de fotografias feitas no dia 24 (vinte e quatro) de Agosto de 2013, pela autora deste trabalho. Por isso, a análise realizada trará também impressões do momento em que a fotografia foi realizada, do contexto (físico) em que o objeto está inserido.

### 3. Análise

#### 3.1 Apresentação dos autores do mural: Os Gêmeos e Blu

Os irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo (1974- ), mais conhecidos como Os Gêmeos, são uma dupla de grafiteiros de São Paulo que começaram desde cedo no mundo dos traços. Suas carreiras são bem diferentes quando comparadas a de outros grafiteiros. Desde cedo eles trabalham comercializando seus trabalhos e os expõem em galerias de arte. A primeira exposição solo internacional aconteceu em 2003, na galeria *Luggage Store*, em São Francisco, nos Estados Unidos da América. Mas o grande sucesso veio mesmo quando os artistas entraram para a galeria *Deitch Projects* de Nova York, em 2005, com suas figuras em dimensão tridimensional. Somente um ano depois foi que eles realizaram uma exposição no Brasil, na Galeria Fortes Vilaça, em São Paulo. Atualmente eles continuam fazendo trabalhos para galerias, afinal e contanto eles precisam de recursos financeiros, como afirmam em uma participação no documentário *Bomb It*<sup>8</sup>, de 2007. Outro tipo de trabalho que eles também fazem é o publicitário. Assinam parcerias com grandes marcas, como a *Nike* e a *Louis Vuitton*<sup>9</sup>. Contudo, os irmãos não abandonam seu trabalho nas ruas, verdadeira galeria da arte urbana.

Blu é um artista de rua nativo de Bolonha, na Itália. Não se sabe muito sobre sua história, nem mesmo seu real nome. Sobre seu trabalho, ele explora também o audiovisual, com vídeos em *stop motion* e sem usar palavra alguma. Outra característica, além do traço, é o teor de suas mensagens: uma forte carga de críticas sociais e políticas.

---

<sup>8</sup> BOMB It. Direção: Jon Reiss, Produção: Tracy Wares, Jon Reiss, Jeffrey Levy-Hinte, Kate Christensen. [SL]. 2003. 1 DVD (94 min).

<sup>9</sup> Disponível em <http://virgula.uol.com.br/lifestyle/moda/grafiteiros-os-gemeos-fazem-parceria-com-a-grife-louis-vuitton> acesso em: 23 de dezembro de 2013.

### 3.2 Experiência fenomenológica e fundamentos do mural

As fotografias são de dois murais grafitados na Avenida Fontes Pereira de Melo, esquina com a Rua Andrade Corvo, em Lisboa, Portugal. O suporte é a fachada de um prédio de quatro andares desabitado. A intervenção foi realizada como parte do evento CRONO<sup>10</sup> em Maio de 2010, em uma parceria entre Os Gêmeos e Blu.



Fotografia do mural  
*The world*, na  
Avenida Fontes  
Pereira de Melo.  
Arquivo pessoal.  
Lisboa, Portugal,  
2013.



Fotografia do mural *I  
love vandalismo*, na  
Rua Andrade Corvo.  
Arquivo pessoal.  
Lisboa, Portugal,  
2013.

<sup>10</sup> O CRONO foi um evento realizado entre Maio de 2010 e Setembro de 2011 com o propósito de levar de volta a pintura urbana à cidade de Lisboa, que havia sido tomada pelos murais políticos nos anos 1970 após a Revolução dos Cravos. Publicação sobre o evento disponível em:  
[http://issuu.com/unidade/docs/crono\\_lisboa\\_2010-2011#](http://issuu.com/unidade/docs/crono_lisboa_2010-2011#) acesso em: 24 de dezembro de 2013.

O primeiro passo a ser tomado no processo de análise semiótica aqui proposto é o de contemplação. Deve-se contemplar a imagem, deixar-se afetar pela experiência fenomenológica.

Fazendo uma análise do primeiro contato com o mural em seu suporte original (um prédio desocupado), temos a primeira experiência de nos depararmos com um objeto em grande dimensão e que requer um afastamento físico para ser observado em sua totalidade. É um prédio de quatro andares com cimento e tijolos aparentes e com marcas negras do tempo em sua superfície. Se o intérprete estiver na calçada do prédio grafitado, o mural perderá a sua totalidade à primeira vista. Partes dele não poderão ser vistas por conta de uma proteção que há na parte inferior prédio. As intervenções realizadas contemporaneamente ao mural tornam-se agora um forte ponto de atenção, por estarem mais próximas do intérprete.

Quando o intérprete se afasta, ele pode ver o objeto em sua totalidade. É possível perceber com maior perspicácia a interação do grafite com o suporte, como que sua composição se adapta à arquitetura do prédio e aos elementos decorativos. Outro aspecto que também chama a atenção é a sua localização. Ele está em uma das avenidas que é uma das principais da cidade. Ela faz a ligação entre o bairro Saldanha e a rotatória onde está localizada a estátua do Marquês de Pombal, um importante ponto turístico da cidade. Essa avenida está no percurso da rota turística realizada pelo *Yellow Bus Official Sightseeing Tours*<sup>11</sup>. No que se refere aos aspectos plásticos do mural, antes de falarmos dos índices presentes, temos que se trata de formas delimitadas pelo contorno de um fio preto. No grafite da Avenida Fontes Pereira de Melo temos uma difusão de cores menos explorada do que na fachada da Rua Andrade Corvo.

Quando analisamos a fotografia dos murais perdemos a noção da real dimensão do mural e de como ele se relaciona com o ambiente em que está inserido. Por outro lado, ganhamos a legenda da fotografia e informações a respeito de seus autores e do contexto histórico-social em que foi produzido, além da possibilidade de analisar com maior minuciosidade seus detalhes.

Na fachada com o grafite intitulado *The World*, temos a maior parte da superfície tomada pelo grafite. As formas são orgânicas. No centro temos uma mancha branca com formato arredondado. Na parte superior temos uma forma na cor amarela.

---

<sup>11</sup> Essa é a principal empresa de turismo na cidade de Lisboa. O mapa com a rota realizada por eles pode ser consultado na brochura disponível em: <http://www.yellowbustours.com/en/cities/lisbon/tours/>.



Do lado direito (da perspectiva do intérprete) temos uma grande mancha branca com linhas em preto que preenchem toda a superfície em branco, com exceção de uma pequena área com linhas em um tom de vermelho. Já do lado esquerdo inferior temos uma outra forma arredonda em tons de azul com formas em tons de verde em seu interior.

Na outra fachada temos uma área menor de cobertura do grafite. As formas continuam orgânicas. Há uma maior diversidade de cores. Aqui, formas com variadas cores se misturam. Há a predominância das cores vermelho e verde, com três manchas em amarelo. As linhas que delimitam as formas são mais suaves do que o grafite da outra fachada. Há ainda, uma mancha em branco com características semelhantes às da outra fachada. A mancha branca está preenchida com linhas finas na cor preta. O grafite, aqui, também interage com o suporte, valendo-se de seu formato e volumes.

Vale ressaltar que a descrição verbal não traz as mesmas sensações de apreensão dos quali-signos que a linguagem visual traz.

Partindo para o segundo fundamento do signo, o sin-signo, temos a problemática já citada anteriormente. A análise é feita também a partir de uma fotografia, que perde o caráter de volume e de textura que possui o prédio que suporta o mural. A questão da dimensão é perdida, o meio em que está localizada e o ângulo de visão também são afetados. A fotografia restringe o olhar que o intérprete pode ter do objeto, pois ela apresenta apenas uma perspectiva desse objeto. Outra perda é a liberdade de compreensão que se pode ter ao analisar um objeto sem nenhum tipo de título ou legenda. A fotografia pode trazer informações acerca do objeto que restringem a compreensão que o intérprete vai ter dela. Com isso os quali-signos se modificam quando não se trata de uma reprodução do original.

Por último temos o legi-signo, que são os aspectos de lei do grafite. Neste caso analisado o sin-signo é da classe dos grafites. O grafite é uma expressão de arte urbana e uma das vertentes da cultura hip-hop (já foi citado na Introdução deste trabalho).

### **3.2 Sugestão e sinalização**

Após a análise dos fundamentos, agora é feita a análise dos tipos de objetos a que esses fundamentos podem se referir. Esses objetos podem ser icônicos, indiciais ou simbólicos.

Os quali-signos anteriormente mencionados (as cores<sup>12</sup>, as formas, as linhas) estão organizados de uma maneira que sugerem figuras passíveis de existirem e serem percebidas fora do mural. Essas sugestões possuem um forte teor realista em sua representação. No grafite *The world*, há a representação de uma pessoa, um homem, apenas da cintura para cima vestido com uma roupa formal (terno e gravata). Ele segura com as duas mãos um globo que sugere o Planeta Terra, por trazer em sua superfície representações dos oceanos e continentes. Ele está sugando o conteúdo de dentro do globo através de um canudo. Em sua cabeça está uma coroa, de cor amarela e com logotipos ocupando o lugar que normalmente é ocupado por pedras preciosas.

O grafite *I love vandalismo* traz a representação de uma pessoa com o rosto coberto, apenas com os olhos expostos, de modo que torna-se uma figura anônima. No tecido que cobre o rosto e a cabeça há uma etiqueta com a inscrição I (representação da forma conhecida como a forma de um coração e na cor vermelha) vandalismo. Ele também é representado somente da cintura para acima e, em uma das mãos segura a representação de um homem, agora de corpo inteiro, vestido de forma semelhante ao descrito no parágrafo anterior e com os braços abertos, onde segura o que parece ser uma corda, uma em cada mão. As duas cordas conectadas ao que parece ser uma bola, e que está na outra mão da pessoa com o rosto coberto.

Todas essas representações são ícones.

No que tange ao aspecto indicial, temos a interação dos objetos dentro do mural. O homem de terno e com a coroa na cabeça está em uma posição de alvo da bola que o jovem segura em sua mão. Na verdade, o homem que está de braços abertos e sendo segurado por esse jovem está representando um estilingue, e a bola da outra mão do jovem parece estar a ponto de ser disparada na direção da coroa do outro homem. Os logotipos representados nessa coroa são pertencentes a empresas de combustíveis fósseis de todo o mundo. São as maiores empresas do ramo.

Com relação aos símbolos temos os padrões utilizados no mural. Por se tratar de um mural grafitado em conjunto por três grafiteiros, temos a mescla de estilos de cada um deles, mas não se pode esquecer que, antes de tudo é um grafite, e como grafite, ele possui características que são comuns a esse tipo de manifestação. A respeito das particularidades de cada grafiteiro, temos dois trabalhos diferentes. O grafite *The World* é do grafiteiro Blu, bem como o homem que constitui o “estilingue”. O jovem

---

<sup>12</sup> As cores, quali-significativamente, são muito importantes, pelo ao que elas podem remeter, como, por exemplo, a cor vermelha, que pode remeter a paixão ou ao sangue.





que segura o “estilingue” possui as características do trabalho d’Os Gêmeos: figuras humanas com pele de cor amarela, estilo do traço e das formas.

Os símbolos também trazem uma carga referente aos elementos culturais de época que foram incorporados no grafite. Elementos estes que não são atualizados por todos os intérpretes, já que o repertório cultural de cada intérprete é diferente.

### **3.2 Interpretação**

Aqui se fala em interpretante dinâmico, que se refere ao efeito que o signo produz de fato em um intérprete. Porém há um efeito imediato que é causado no intérprete, esse é o interpretante imediato.

No nível do interpretante imediato estão “todos os efeitos que o signo está apto a produzir no momento em que encontrar um intérprete” (SANTAELLA, 2005, p. 95). É nesse momento que o intérprete se depara com o mural, um grafite em grande dimensão e que se destaca no espaço urbano das construções. O potencial interpretativo dessas imagens é sensorial e simbólico, pois, mais do que as cores e formas que prendem a atenção do intérprete, a carga simbólica de protesto que esse grafite possui faz com que haja uma reflexão a respeito do que ele representa.

É nesse momento que o interpretante dinâmico aparece. A compreensão vai depender da internalização simbólica dos elementos presentes no mural, bem como conhecimentos históricos e culturais já também internalizados.

Para efeito de uma possível interpretação do mural analisado, se o intérprete observar o mural a partir da Avenida Fontes Pereira de Melo, vindo da direção da Marquês de Pombal e indo em direção à Saldanha (da direita para a esquerda) ele irá se deparar primeiro com o grafite de um homem de negócios poderoso (carrega uma coroa na cabeça) que “suga” os recursos naturais da Terra. Pode-se inferir ainda que esse homem representa as empresas de combustíveis fósseis, que retiram o petróleo de camadas internas da Terra. Mas essa não é uma representação genérica dessas empresas. Há uma referência direta às empresas, com a representação de suas logomarcas. Da direita para a esquerda temos: Texaco, Repsol, Agip, Petrobrás, BP, uma representação de duas mangueiras que são usadas em postos de combustível para o abastecimento dos carros entrelaçadas, Shell, Esso e Chevron.



Logotipos das empresas de combustíveis fósseis

Ainda sobre essa fachada, observa-se na coroa a representação de um sinalizador de poço de petróleo logo abaixo das duas mangueiras. E a região em que o canudo com o qual o petróleo está sendo sugado está demarcando a região da Floresta Amazônica no Brasil. Também as cores em que o homem é representado denotam um aspecto doentio, depois de tanto sugar os recursos energéticos fósseis.

O próximo grafite se revela logo a seguir. O jovem com o rosto velado remete aos grafiteiros (e, em certo grau, aos vândalos) que não querem ser identificados, algumas vezes por medo de represálias. A roupa do jovem possui os tons de verde e amarelo, cores representativas do Brasil. Ele utiliza um “estilingue” humano para derrubar a coroa do outro homem. No mural ele está mirando na direção da coroa e a ponto de disparar contra ela.

Em uma leitura completa do mural temos que: o jovem que não mostra o rosto e que carrega uma declaração a respeito do vandalismo está tentando salvar os recursos de fósseis da Floresta Amazônica com um simples artefato, usado até mesmo por crianças.

#### 4. Conclusão

A Semiótica Peirceana traz um suporte teórico e metodológico que possibilita uma análise profunda de um signo usando a tríade signo/objeto/interpretante, e seus desdobramentos. No caso do mural analisado, a metodologia de Peirce, retirada do livro escrito por Lucia Santaella, foi essencial para que não se fizesse uma análise superficial do mural. Pois, a todo momento um intérprete realiza interpretações de



signos à sua volta, mas na sua maioria são análises superficiais, e até vagas. É importante salientar que uma análise ainda mais profunda pode ser realizada sobre o mural aqui analisado, e que questões de outras áreas podem ser exploradas em trabalhos futuros, como os estudos culturais e a própria semiótica da cultura.

## **Bibliografia**

PENACHIN, Deborah Lopes. Palavra e imagem no graffiti: um estudo sobre as traduções intersemióticas na arte urbana. *In: XI Congresso Internacional da Abralic: tessituras, interações e convergências.* 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/027/DEBORA\\_PENNACHIN.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/027/DEBORA_PENNACHIN.pdf)>. Acesso em: 03 de dez. 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

\_\_\_\_\_ ; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2008

SENA, Talita Késsia de; MARTINS, Helena. As mudanças culturais que levaram o grafite às galerias de arte. *In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.* 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2005-1.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

BOAS NOTÍCIAS. *Arte urbana de Lisboa na New York Magazine*. Disponível em: <[http://boasnoticias.sapo.pt/noticias\\_Arte-urbana-de-Lisboa-na-New-York-Magazine-17673.html?page=0](http://boasnoticias.sapo.pt/noticias_Arte-urbana-de-Lisboa-na-New-York-Magazine-17673.html?page=0)>. Acesso em: 14 dez. 2013 às 15:33.

OS GÊMEOS. *Biografia*. Disponível em: <<http://www.osgemeos.com.br/>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

ISSUU. *Crono Lisboa 2010 2011*. Disponível em: <[http://issuu.com/unidade/docs/crono\\_lisboa\\_2010-2011#](http://issuu.com/unidade/docs/crono_lisboa_2010-2011#)> Acesso em: 18 dez. 2013.